



UNICAMP

EVENTO: ENTREVISTA COM ROGERIO DUPRAT (II)
VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA: 01 jun 96
PÁGINA: D-4
SEÇÃO: CADERNO 2



Anarquista pôs Duprat no “mau caminho”

Clóvis Ferreira/AE — 30/8/93



O maestro Rogério Duprat só poupa Hermeto Paschoal e Tom Zé em suas críticas e prossegue em sua busca pela

Hermeto Paschoal
Tom Zé em suas
críticas e prossegue
em sua busca pela
vanguarda: "Acho
que a arquitetura,
hoje, é o que mais se
aproxima do novo"

O maestro diz que começou tocando "coisas nacionalistas, com aquele ranço de realismo socialista", mas o encontro com o compositor Damiano Cozzela mudou os rumos de sua vida

JOTABÊ MEDEIROS

ITAPECERICA DA SERRA — Violoncelista de formação, Rogério Duprat conta que começou a se interessar por música por influência do irmão Régis, que era violinista. Tocou dez anos na Orquestra Sinfônica Municipal e lembra que era um conservador, no início. "Tocava coisas nacionalistas, com aquele ranço do realismo socialista", diverte-se.

O encontro com o compositor anarquista Damiano Cozzela, segundo o maestro Duprat, o levou para o "mau caminho", no bom sentido.

Aos 63 anos, plenamente recuperado de uma cirurgia no coração ("Abrem a gente que nem um frango"), ele parece um desses senhores idosos resignados com o crepúsculo da vida, com seus bichinhos de estimação e plantas. Só parece.

★
Estado — Por que o sr. se aposentou?

Rogério Duprat — Porque achei que já tinha dito o que tinha a dizer, que não tinha nada mais de novo a dizer. Para ficar repetindo o que já tinha feito, achei mais honesto parar.

Estado — O sr. não vê nada de novo sendo feito na música, nem em alguma arte em especial?

Duprat — Não. Tudo que se faz hoje já se fazia há 30 anos. O rap nada mais é do que uma colagem, típica do espírito pós-moderno, que não cria, não acrescenta. O rock repete fórmulas. Eu disse tudo que tinha a dizer em música naquele período entre os anos 60 e 70. Não acho honesto ficar me repetindo. Acho que a arquitetura hoje é um bom exemplo do que pode representar essa repetição. Fiz um docu-

mentário em vídeo em que registrei essas superestruturas industriais de edifícios que surgem em São Paulo, feitas em blocos e com fachadas parecidas. É mais visível uma inquietação na arquitetura. Mas é um estilo que também parece já estar entrando no cafonismo. Coisa que aconteceu com a art déco, por exemplo. Esse cafonismo já está entrando na arquitetura de São Paulo, com essas Gafisas da vida.

Estado — Qual era o objetivo do seu documentário?

Duprat — Era compactar, numa produção de meia hora, o impacto ambiental do pós-moderno na arquitetura paulistana. Mas há alguns prédios que são maravilhosos. A jogada é a profusão de estilos, o que acaba com a excitação, como no minimalismo musical. Mas a pesquisa de materiais é a grande jogada. Os mais representativos são esses com vidro, espelho, aço lixado, ferro. Lá no Metrô Conceição tem um desses, que é a sede dessas construtoras. É o sistema americano, que não é aquele das lajes moldadas no lugar. Vem tudo pronto. É uma

fábrica de edifícios. Essas idéias estão fazendo falta aos músicos.

Duprat — Por que o sr. acha que essas idéias estão na arquitetura?

Duprat — Mencionei a arquitetura porque o pessoal está conseguindo inventar, no mundo inteiro, não só no resultado plástico, mas conseguindo imaginar as coisas para o futuro, as cidades, as casas que serão essenciais no futuro. O resto das artes está muito preso às soluções do entretenimento. Já que não há nada a fazer, vamos dançar uma valsa. Não agüento mais. Esse negócio de fingir que é "mutcho

loco", tudo isso já aconteceu.

Estado — Mas de vez em quando vem alguém procurá-lo para falar sobre música. O sr. acha que não tem nada mais a dizer sobre música?

Duprat — Não muito. Aliás, nunca tive muito a dizer. O que aborrece um coroa da minha idade é que o pessoal da minha geração passou por um período no qual as coisas mudavam muito depressa. Para começar, vi a 2ª Guerra, era um garoto ainda, mas acompanhava com meu pai. Pude curtir Orlando Silva, toda a MPB daquele período, as big bands americanas, o nascimento do rock-n-roll de Elvis Presley, depois a bossa nova brasileira, depois Beatles, a tropicalia, o heavy metal. Aconteceu muita coisa na minha vida até os 40 anos. Agora estamos há mais de 20 anos com somente um tipo de coisa acontecendo, o rock. Muda para rap, para jazz rap, mas é basicamente a mesma coisa. Até a formação, guitarra, baixo e bateria, é a mesma. Essa aparente diversidade que existe hoje é repetição de coisas que aconteceram há 40, 50 anos.

Estado — O jazz rap, por exemplo, o sr. não acha interessante?

Duprat — Mas o jazz que existe hoje é o mesmo de antes do rock-n-roll. E o jazz que se faz no Brasil é ridículo. O jazz americano iria morrer de rir se tomasse conhecimento. Mas nem o jazz americano evoluiu. Voltou atrás, às velhas idéias. E estamos falando de música popular. Na música erudita, acontece a mesma coisa. Quando eu era moleque, consumia-se Stravinsky, coisas que aconteceram no começo do século, décadas de 10 e 20. Depois vieram Stockhausen, Messiaen, Pierre Boulez, Villa-Lobos, muita coisa. E o meu grupo, que chamavam de Música Nova, que deu origem talvez à música aleatória, que era um delírio tão completo que foi mais ou menos contemporânea do desbunde na música popular também, nos fins de 50 e começo dos 60. Depois, o happening, o diabo e tal e a rejeição de qualquer outra música. Já tínhamos tentado todas e acabamos chegando a nenhuma. A música sem escrita, aleatória, que veio por influência de John Cage.

Estado — Ainda hoje há quem faça música aleatória...

Duprat — De todas as coisas que vão morrendo, algumas ficam, um componente ou outro. O minimalismo,

que está durando até hoje, foi o regresso a tudo isso. Foi um recuo a um passado remoto e, em vez da procura da originalidade, era o contrário: a repetição do mesmo componente. A música de Philip Glass é sempre a mesma coisa, buscando efeito hipnótico.

Estado — Talvez isso tente se aproximar de um princípio filosófico, semelhante ao do zen-budismo...

Duprat — É, mas é uma coisa muito chata. Você ver isso em cima de um filme do Nam June Paik, tudo bem, pode ser interessante. Mas ouvir aquela trilha em separado, não resiste. É um pé no saco, um troço só que fica se repetindo indefinidamente. A arte não tem muito do que se gabar nesse último período, os últimos 30 anos.

Estado — Nessa época o sr. teve contato com o Koellreuter?

Duprat — Koellreuter chegou um pouco antes de nós, foi um precursor. Um cara que chegou no Brasil falando de serialismo, dodecafonismo, e a gente não sabia nem o que era isso. E formou uma geração de ótimos compositores, como Cláudio Santoro, que foi meu professor, Guerra Peixe, Edino Krieger.

Estado — Essas fusões que se fazem hoje, forró com rock, nada disso o interessa?

Duprat — Essas misturas todas já foram experimentadas e discutidas. Está faltando alguma idéia. Eu mudaria o formato da música popular. Nunca mais reunir guitarra, baixo e bateria e voz, nunca mais reunir esse grupo. Já são 30 anos do mesmo formato.

Estado — O sr. não salva nem Tom Jobim, Hermeto Paschoal, ninguém?

Duprat — Hermeto Paschoal foi a coisa mais interessante que aconteceu na música popular nos últimos tempos. Tom Zé também. Isso que aconteceu com o Tom Zé é interessante, mas há muitos anos ele vem fazendo o que faz, mais de 20 anos, eu acho. Só agora é que o americano, o David Byrne, o descobriu. Essas coisas são interessantes, mas muito peculiares, particulares. Não vai ter cabimento imitar

Hermeto Paschoal, cuja base musical está no aleatorismo. Isso que ele fez, de pegar o equipamento e ir gravar porcos e galinhas num sítio, é música aleatória. Ele tem idéias muito interessantes.

Estado — O sr. acha Mozart e Beethoven superados?

Duprat — A questão não é a superação. A questão é que os tempos mudaram, o ritmo mudou e é preciso ser acompanhado. É o que aconteceu no tropicalismo. Foi a resposta brasileira ao que estava ocorrendo no mundo. E depois, a verdade é que não só o Brasil está parado. O mundo inteiro está. Não é culpa só do Brasil. O rock é a mesma baboseira no mundo todo, tanto que os Rolling Stones estão velhinhos, fazendo o mesmo que faziam há 30 anos. Nada contra. Mas outras coisas precisam surgir. Acho também que não há mercado para tudo que é feito no Brasil. Nos Estados Unidos, há mercado para o Sinatra ficar repetindo *New York, New York*, mas há mercado para outras coisas. Aqui não.

**PARA O
MAESTRO, O
RAP É UMA
COLAGEM E O
ROCK APENAS
REPETE
FÓRMULAS**

Estado — Quando o sr. conheceu o Frank Zappa? Foram amigos?

Duprat — Foi em 1962, em Darmstadt, Alemanha. Nós fomos colegas de classe naquelas aulas que o

Pierre Boulez e o Stockhausen davam na Europa. Ele já era interessante. Até o fim da vida fez essas misturas do pop com o erudito, com sua banda, The Mothers of Invention. Era uma boa mistura.

Estado — O sr. chegou a acenar com uma saída nos meios eletrônicos. Ainda pensa assim?

Duprat — Os meios eletrônicos dão mais recursos. Eu e o Cozzela fizemos trabalhos no primeiro computador que teve em São Paulo, que era aquele experimental da Poli. Era um IBM 1620 que parecia à válvula. Tinha de perfurar cartão, era um absurdo. Décio Pignatari fazia o curso conosco e trabalhava com semiótica e criação de textos. Depois as idéias mudaram, veio o desbunde, entramos de sola nele e não havia mais tempo para brin-

cadeirinhas de computador. Era um negócio muito esmiuçado e de pouco resultado na época. Mas hoje imagino o que seria possível fazer com uma bela rede de 10 Macintoshs com um computador-mãe dirigindo tudo isso! Hoje é fácil fazer isso. Mas a gente perde o tesão. Porque usar essa parafênalia para no fim botar isso nos ouvidos das pessoas e soar mais ou menos igual ao que já existe é meio frustrante. Os limites foram alcançados. O happening e a música aleatória forçaram os limites. Tudo era surpresa. A idéia da música aleatória era o fim do compositor. Era para acabar com a idéia do grande gênio que chega e dá as cartas, um Haydn que se vestia e descia à Terra para compor grandes obras. Dez cabeças juntas é que são capazes de bolar alguma coisa interessante. Dali para a frente virei apenas um profissional de música para viver. Trabalhava em estúdios, com Sá e Guarabyra e outros. Era só um meio de ganhar a vida. Escrevi peças para orquestras sinfônicas, muita coisa para o Benito Juarez, outras para a Jazz Sinfônica com músicos populares. Hoje virou moda essa de cantores populares cantarem com grandes orquestras, tipo o Milton Nascimento. Acho muito cafona, careta e panaca, mas acabo escrevendo porque preciso ganhar dinheiro. Estou aposentado pelo Inamps e, embora seja pouco, dá para ir vivendo. Não devo para ninguém.

Estado — O sr. tem relações de amizade com Caetano e Gil?

Duprat — Eles são cordiais. Mas raramente nos vemos. Quando por acaso eu resolvo ver um show deles aqui em São Paulo. Também não inventaram nada de interessante nos últimos anos. A culpa não é deles, a culpa é da humanidade, que não conseguiu evocar uma coisa interessante nos últimos anos. Às vezes fico chateado de ficar falando esses troços porque as pessoas podem pensar: depois de mim, o dilúvio. Não é isso. Fui pego nessa onda, sou vítima dessa situação. Nós conduzimos as coisas para um ponto de total impossibilidade. Não posso chiar com os mais novos, porque eles não passaram por isso, não têm culpa. Então, de repente, eles ouvem Stravinsky e acham maravilhoso. E os festivais de música, vai lá o Eleazar de Carvalho e rege Beethoven pela milionésima vez. Acho que tem de ter um saco para ficar fazendo sempre a mesma coisa. Eu não tenho.